
O corpo gordo em obras audiovisuais de ficção da atualidade¹

Bianca Lima XAVIER²
Nicolí Glória de Tassis GUEDES³
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

Este artigo explora as representações dadas ao corpo gordo em obras audiovisuais de ficção da atualidade, identificando como se dá a construção de personagens com tal característica. Examina, portanto, os discursos construídos em torno desses corpos; averiguando se existe a perpetuação de estereótipos gordofóbicos ou se têm ocorrido ressignificação na representação do corpo gordo nessas produções, levando em consideração as mudanças socioculturais e a busca por uma representação mais inclusiva e livre de preconceitos. Para tanto, foi adotado o método da constelação fílmica, trabalhado pela pesquisadora Mariana Souto (2020), que visa à associação entre obras, apreendendo a dinâmica e comparando as diferenças e as conexões entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: corpo gordo; gordofobia; ficção; audiovisual; mídia.

INTRODUÇÃO

O corpo é o instrumento utilizado pelos seres humanos para vivenciar o mundo. Ele constitui parte da identidade de cada indivíduo e é por meio dele que se estabelecem diferentes tipos de relações. Na sociedade, há uma diversidade de corpos coexistindo e, frequentemente, espera-se que esses corpos se conformem a convenções pré-estabelecidas socialmente, de acordo com o contexto cultural em que estão inseridos. Esses padrões de beleza exercem influência sobre a forma como o sujeito enxerga a si mesmo e é percebido pelo mundo, contribuindo diretamente para a manifestação da pressão estética que afeta a todos os corpos.

De forma particular, o corpo gordo enfrenta um desafio ainda maior, pois além das expectativas irreais em relação à imagem corporal, ele ainda precisa lidar com o preconceito, a estigmatização e, principalmente, a falta de acesso a direitos básicos que outros corpos não tem, caracterizando o fenômeno conhecido como "gordofobia".

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Recém-graduada do curso de Jornalismo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: biancalima.6930@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: nicolitassis@gmail.com.

Jarrid Arraes (2014) define a gordofobia como sendo uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. Ela também coloca que as atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas.

É importante destacar, contudo, que a gordofobia não é um problema isolado e, portanto, estabelecido sem distinções; pelo contrário, questões como classe, gênero, raça, classe, capital e acesso coexistem em intersecção e são determinantes. Um exemplo disso está na maneira como a maioria dos espaços públicos e privados foram pensados para comportar corpos de até um determinado tamanho, de tal forma que muitas pessoas gordas sofrem por não conseguirem realizar tarefas e procedimentos simples do dia a dia, como passar em uma catraca de ônibus ou sentar-se confortavelmente em uma cadeira de consultório ou em uma poltrona de avião.

Embora as opressões citadas aconteçam tanto com homens quanto com mulheres, quando se observa os discursos predominantes na sociedade, é possível perceber que a gordofobia também faz distinção de gênero. Isso porque, o corpo feminino é o que protagoniza a maior parte das pressões estéticas, justamente por enfrentar sexualizações típicas da sociedade patriarcal. Naomi Wolf (1992) diz que ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, o domínio masculino expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram.

A partir dessas e outras questões, é possível perceber algumas configurações da gordofobia e como este fenômeno impacta as pessoas em diferentes perspectivas. E, se tratando de uma prática recorrente e pouco debatida, tanto entre os indivíduos em sociedade quanto pela ciência — sobretudo por pesquisadores no campo da Comunicação⁴ —, há grande necessidade de aprofundamento e reflexão, especialmente através dos exemplos que vemos na mídia.

⁴ No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora, é feito um estado da arte que reúne as principais pesquisas no campo da comunicação midiática ficcional, assim como um levantamento dos trabalhos que relacionam os termos “corpo gordo”, “mídia” e “gordofobia” no Brasil.

Para Naomi Vasconcelos, Iana Sudo e Nara Sudo (2004), a mídia se trata de um canal de informação e reprodução de uma prática discursiva, logo ideológica, que socializa os fatos e normas e atua como um agente organizador do espaço social, ocupando, portanto, um papel central para a consolidação dessas representações que passam, então, a assumirem um caráter coletivo normalizador na constituição de uma identidade e subjetividade específicas. Nesse sentido, Agnes Arruda e Jorge Miklos (2020) dizem que da mesma forma que há gordofobia na comunicação midiática, a comunicação midiática se faz na gordofobia, produzindo e reproduzindo os sentidos do preconceito. Logo, o problema de pesquisa que se coloca é: de que forma o corpo gordo tem sido representado nas telas?

A partir desse questionamento, este trabalho traz um panorama das representações dadas ao corpo gordo em obras audiovisuais de ficção da atualidade, identificando como se dá a construção de personagens com tal característica. Tem-se, dessa forma, que o objetivo geral deste estudo se trata de constelar trechos de filmes e séries com protagonistas gordos e, de forma mais específica, examinar os discursos construídos em torno desses corpos; identificar se existem estereótipos e padrões recorrentes nessas produções; e, analisar os resultados obtidos através de uma observação conjunta desses materiais.

Para tanto, é adotado o método da constelação filmica, trabalhado pela pesquisadora Mariana Souto (2020), que visa investigar as possibilidades de associação entre obras, apreendendo a dinâmica e comparando as diferenças e as conexões entre elas. A finalidade é a observação e a escuta atenta dos objetos, guiadas pela força da empiria e orientadas pela relação do pesquisador com o tema. Diferente de outras metodologias, a constelação filmica não prevê uma sistematização prévia, de forma que a análise vai sendo construída intuitivamente, emprestando-se de obras que façam ou tenham alguma relação com a discussão principal.

Contudo, antes de passar à análise propriamente dita, é importante explorar alguns conceitos importantes para a compreensão da forma que o corpo gordo existe (e resiste) em sociedade.

O lugar que o corpo gordo (não) ocupa no mundo

Antes de mais nada, é importante perceber a forma como o ser humano vê e é visto pelo mundo. A essa existência no espaço-tempo e à forma como ela é sentida pelos demais, Stuart Hall (1996) dá o nome de identidade. Para o autor, essa definição não têm a ver somente com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, “mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’” (HALL, 1996, p. 109).

Embora seja notável a possibilidade de reconfiguração das identidades, isso não significa que alguns sujeitos não sofram justamente por se localizarem fora de um determinado padrão. Erving Goffman (1988) é quem fala a respeito do processo de estigmatização. De acordo com o autor, o estigma é uma espécie de marca que o indivíduo carrega e que, a depender do contexto social em que ele está inserido, é vista de maneira negativa pelos demais.

Essa concepção pode estar — como será percebido ao longo da presente pesquisa — atrelada à aparência física da pessoa, envolvendo características que vieram de berço ou mesmo aquelas que foram sendo adquiridas com o passar do tempo; como também ligada a comportamentos específicos. Nesse sentido, o ser estigmatizado pode vir a ser reduzido a uma só forma — ou seja, à marca que carrega consigo — e, por isso, sofrer julgamentos e generalizações a partir dessas ideias construídas sem embasamento. Para Goffman (1988), esse estigma contribui para o processo de desumanização do sujeito, que passa a permear estereótipos e preconceitos dos mais variados tipos apenas por possuir determinada marca e/ou característica.

A construção que se tem desses atributos, ou seja, dessas marcas, tem a ver com a maneira com a qual a sociedade se organiza em torno de um determinado assunto. Essa convenção que se faz das coisas, atribuindo a elas uma forma definitiva, localizando-as em uma categoria e não outra, e gradualmente colocando-as enquanto um modelo compartilhado por um grupo de pessoas, são as representações sociais. Serge Moscovici (2000) é quem coloca que quando uma coisa — seja um objeto ou uma pessoa — não se adequa exatamente a este modelo, a tendência é que ela seja forçada a assumir determinada forma ou a se encaixar em uma categoria específica, se tornando

idêntica às demais, sob pena de não ser nem compreendida nem decodificada. As pressões que essas representações exercem apresentam-se como realidades inquestionáveis, mesmo que no fundo todos estejam conscientes de que elas não são nada mais que ideias (criadas).

Partindo desse contexto, é possível identificar o que Norvau Baitello Júnior (2014, p. 62) escreve:

Com a proliferação das imagens que vertiginosamente passam a ocupar todos os espaços bidimensionais do mundo do homem, elas começam a exercer uma pressão irresistível sobre os corpos verdadeiros, tridimensionais, palpáveis, táteis, históricos (portanto sujeitos ao tempo e ao envelhecimento). Acabam interferindo sobre os corpos, levando-os a assumir cada vez mais características bidimensionais, a se tornarem planos, a se transformarem em imagens.

Em outras palavras, os indivíduos passam a perseguir essas imagens, pois elas representam aquilo que é esperado, um padrão a ser alcançado por toda a sociedade. Baitello Júnior (2014, p. 50) expõe que nos tempos atuais, o “admirável e desejável já não é mais a diferença, mas a absoluta semelhança. Não mais a capacidade criativa e adaptativa é o que se sobressai, mas sim a necessidade de pertencimento”. Assim sendo, inicia-se a busca pela estética perfeita e pelo corpo que é colocado como o ideal, a depender do contexto sócio-histórico-cultural vigente. Hoje, não é preciso ir muito longe para perceber que o padrão hegemônico, amplamente cultuado no ocidente, trata-se do corpo magro.

Diante da definição desses conceitos e dos exemplos que serão abordados a seguir, torna-se possível a compreensão do espaço ocupado pela pessoa gorda na sociedade brasileira atual.

O corpo gordo (in) visibilizado

Para Manuel Castells (2018), a mídia é um conjunto de tecnologias e instituições que permitem a produção, distribuição e recepção de conteúdos simbólicos para a sociedade. Assim sendo, tudo aquilo que circula na tv, no rádio, em materiais impressos e na internet pode ser compreendido como mídia. Para fins deste trabalho, são exploradas as formas que o corpo gordo vem sendo representado na mídia, partindo de uma análise de obras audiovisuais de ficção. É importante dizer que os exemplos

retratados possuem um recorte ocidental, uma vez que o consumo de conteúdos produzidos por esses países — especialmente os Estados Unidos — é bastante significativo, daí a sua influência no imaginário brasileiro.

De acordo com o Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro de 2021 produzido pela Agência Nacional do Cinema (Ancine), o público de títulos estrangeiros representava mais da metade do percentual geral (51,4%), enquanto o público de títulos nacionais não chegava nem a 1% (0,9%). No ranking dos 20 títulos com melhor público na semana de estreia de 2021, 19 deles possuíam origem estadunidense - sendo apenas um deles brasileiro (Turma da Mônica: Lições). Embora esses dados não mostrem o consumo midiático total da população brasileira, já que explora apenas uma das faces do audiovisual — o cinema —, é possível ter um breve panorama de como as obras norte-americanas são apreciadas no país, logo, de como produz conteúdos simbólicos para a sociedade no geral.

Isso posto, foi realizada uma observação sistemática de obras de ficção contemporânea, de forma a compreender as representações que o corpo gordo vem tendo na mídia mais recentemente. Tal análise exploratória pode ser vista a seguir.

Em 2013, foi ao ar a série britânica *My Mad Fat Diary*, uma adaptação baseada no livro *My Fat, Mad Teenage Diary* da escritora Rachel Earl, publicado em 2007, e que apresenta histórias reais da vida da autora. Não coincidentemente, na produção audiovisual, o nome da personagem também é Rae Earl, tendo a atriz Sharon Rooney no papel principal (MY MAD, 2022). O seriado é ambientado no condado de Lincolnshire, em meados de 1996, e acompanha a vida de uma adolescente gorda lidando com problemas de autoestima, ao mesmo tempo em que vive os dilemas comuns à idade.

Logo no início do episódio piloto, já é dada a relação de Rae com seu corpo:

Querido diário, eu tenho 16 anos, peso 105kg e moro em Lincolnshire. Meus interesses incluem música, fazer nada e encontrar um cara gato, risque isso, qualquer cara que apague o meu fogo. Infelizmente já tenho um amante que me faz parecer grávida: a comida. (MY MAD, 2013)

Ao se apresentar dessa forma, infere-se que a massa corporal é algo determinante para Rae, tanto que é digna de ser a segunda informação fornecida por ela sobre si mesma. No decorrer da exposição, o tópico alimentar também é levantado

várias vezes, corroborando com a narrativa de que a comida é a grande responsável pelo corpo gordo da adolescente.

A trama é desenvolvida no contexto da saída de Rae de uma clínica psiquiátrica, onde ficou por quatro meses tratando sua depressão. Pelo que consta, a garota se mutilava nos momentos de crise, até que um dos surtos de maior gravidade, levou a mãe a interná-la. Rae, contudo, não queria que as pessoas soubessem sobre o seu paradeiro, assim, fingiu estar viajando para a França durante esse período de recuperação.

Apesar de ser originada nesse viés trágico, a série tem diversas cenas de humor, podendo até mesmo ser enquadrada no gênero comédia. A personagem principal corrobora, em partes, com o estereótipo de alívio cômico defendido por Arruda e Miklos (2020), uma vez que Rae parece ter sempre um comentário bem-humorado e “espertinho” para fazer sobre as situações cotidianas. Seu diário, por exemplo, transparece bastante a questão do desejo na personagem, isto é, a dimensão sexual, embora inexistente, é amplificada pelas vontades da garota. Rae constantemente narra seu apetite por figuras masculinas dos mais variados tipos — figuras de autoridade, rapazes de sua idade ou artistas —, tudo isso de forma bastante cômica e “cartunizada”.

Tal característica abre margem para uma outra interpretação: a forma como personagens gordos geralmente são retratados em dois polos distintos — ou dotados de uma intensa libido ou destituídos de qualquer desejo. Isso porque dificilmente corpos gordos vivem os mesmos tipos de relacionamento que corpos magros performatizam na ficção. Quando não é tido como um tabu, no qual o sexo é algo hiperidealizado e de difícil acesso, o inverso acontece e a personagem acaba sexualizada. Um exemplo disso está na série estadunidense *Euphoria* (2019), em que a personagem Kat Hernandez, vivida pela atriz Barbie Ferreira, explora seu corpo enquanto uma ferramenta de fetiche.

Na produção, Kat tem suas questões relacionadas à autoestima em primeiro plano, ou seja, esse é o arco principal de sua personagem. Nas cenas iniciais da primeira temporada em que aparece, ela é uma garota doce, insegura, mostrada à margem de suas outras amigas e sem um enredo definido. Com o decorrer da trama, Kat descobre formas de ressignificar seus problemas com a própria imagem, utilizando-se, para isso, de adereços e vestimentas um tanto erotizadas. A personagem passa a produzir vídeos em que exhibe seu corpo para assinantes, adotando também uma nova postura e personalidade na sociedade. Ela, inclusive, perde a virgindade de uma forma bastante

problemática e diferente do que sonhara, provando mais uma vez a maneira como os corpos gordos são performatizados na ficção.

Em *My Mad Fat Diary*, Rae não é hipersexualizada em seus modos de se vestir e se comportar, mas é possível compreender a dinâmica da libido quando a personagem se toca pela primeira vez. Essa cena se desenvolve em um contexto no qual ela afirma não ser capaz de ser tocada por alguém, isso é, que ninguém desejaria de uma forma sexual um corpo como o seu. Daí, a necessidade de, sozinha, aliviar os seus desejos.

Esse pensamento também ocorre em relação à mãe. Rae constantemente se admira por, mesmo gorda, a mãe conseguir ser alvo de atração de seu parceiro — que a garota considera ser muito mais atraente que a mãe, justamente pela diferença de porte físico entre ambos [ele é magro, ela é gorda]. Além dessa, outras questões envolvendo a genitora são decisivas para a trama, como, por exemplo, a forma como a mãe segue dietas malucas a fim de emagrecer, não se importando em ser um modelo positivo de aceitação para a filha. Mayara Silva e Ana Carolina Temer (2021, p. 7) chamam atenção para o enaltecimento simbólico do corpo magro na cultura ocidental: essa busca é imediata, como se a magreza representasse a simbologia da felicidade e a forma do corpo impactasse diretamente na autorrealização”.

Na relação com os amigos, também é possível perceber alguns estereótipos. A melhor amiga de Rae é magra, bonita e popular, a chamada *Barbie do tipo Hollywood* (GOMES; CAMINHA, 2016), e não necessita nem de muita inteligência nem muito carisma para ter a atenção de todos que deseja. Rae, por sua vez, precisa “compensar” sua aparência, sendo esperta, legal e divertida, entendendo de assuntos que meninas de sua idade geralmente não entendem só para que os garotos possam prestar minimamente atenção nela — isso quando não é vista como “um dos caras”. Em alguns episódios, Rae inclusive se questiona sobre o papel de estepe que ocupa nessa relação, percebendo como as duas são vistas de maneira diferente pela turma, muito disso em função da aparência física.

De forma geral, a série reflete sobre várias dinâmicas que perpassam uma adolescente gorda dos anos de 1990, reforçando alguns estereótipos, ao mesmo tempo em que desconstrói outros. A produção, embora não seja inovadora — já que continua colocando o protagonismo da pessoa gorda nas questões envolvendo o seu corpo gordo, sem abrir margem para que a personagem viva situações normais que não envolvam a

sua imagem —, é bastante cuidadosa na representação de Rae. É possível perceber certo zelo da direção em não reforçar alguns estigmas, como por exemplo a ideia de que se é gordo por opção e/ou apenas por comer demasiadamente. Em cenas específicas da trama, enxergamos a gordofobia vivida pela personagem, só que isso tudo é feito de maneira muito atenciosa, dando holofote às ações dos agressores, sem responsabilizar de qualquer forma a vítima pelos ataques. Em resumo, as narrativas de *My Mad Fat Diary* são construídas de forma muito sensível, prevalecendo sempre a empatia pela protagonista e pelos seus dilemas pessoais.

Com estreia em 2019, *Shrill* é uma série estadunidense desenvolvida pela empresa de entretenimento Hulu, tendo Lorne Michaels e Elizabeth Banks como produtores executivos. O seriado é baseado no livro de ensaios *Shrill: Notes From a Loud Woman* da escritora e comedianta Lindy West, publicado em 2016, e tem como premissa acompanhar a rotina da jornalista Annie — interpretada pela atriz Aidy Bryant (SHRILL, 2023). Enquanto ela enfrenta questões profissionais, familiares e amorosas comuns a uma jovem adulta, ela também lida com as expectativas da sociedade sobre o seu corpo.

No piloto da série, é possível identificar diversas situações envolvendo a protagonista e sua relação com o corpo. Logo nos primeiros minutos, Annie aparece se olhando em frente ao espelho, verificando seu corpo à procura de mudanças e conferindo se a blusa que escolheu para vestir está mais larga. Pouco depois, ela é vista comendo uma espécie de panqueca de baixa densidade calórica, um alimento que aparenta ser encontrado em dietas para emagrecimento. Na cena seguinte, o cenário é uma cafeteria. Annie está analisando um quadro de recados, quando uma mulher jovem e magra aparece, apresentando-se como personal trainer e convidando-a para se juntar às aulas. De forma bastante emblemática, a profissional pega no pulso de Annie, indicando que ela provavelmente possui uma estrutura pequena, ao que segue o diálogo:

- *Seus pulsos são minúsculos. Com certeza é uma estrutura pequena. Há uma pequena pessoa dentro de você morrendo de vontade de sair.*
- *Bem, espero que a pequena pessoa esteja bem ali.*
- *Eu sei, isso pode parecer impossível. Mas você pode fazer isso. Não precisa carregar todo esse peso extra.*
- *Muito legal.*
- *Sei que posso te ajudar.*
- *Bem, que legal da sua parte. Obrigada.*

— Não. Obrigada pela incrível maneira que irá se sentir depois de se dar permissão para ficar melhor.
— Obrigada eu.
— Pode se tornar linda.
(SHRILL, 2019)

Nesse primeiro quadro, identificamos a insatisfação da protagonista com o seu corpo através das alusões às tentativas de emagrecimento. A situação constrangedora envolvendo a personal trainer, por sua vez, reforça a pressão que a sociedade também exerce nesse mesmo sentido. Isso porque

a gordura na mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, os nossos corpos não pertencem a nós mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obsessão com a beleza feminina mas uma obsessão com a obediência feminina. (WOLF, 1992, p. 247)

Um outro quadro bastante importante em *Shrill* é a vida amorosa de Annie. O piloto apresenta algumas situações que podem ser analisadas através da categorização de Arruda e Miklos (2020), em que colocam a pessoa gorda como sendo “a eterna romântica”. A jovem mantém relação com um cara há meses, mas esse não parece ter o mesmo nível de comprometimento que ela. Em uma cena de sexo entre o casal, isso fica nítido, quando: 1. ele se nega a arrumar um segundo travesseiro para ela — já que isso poderia deixá-la mais confortável e, portanto, aparecer mais vezes; 2. ela o convida para jantar em celebração aos seis meses que eles estão saindo, mas ele não aceita, dando uma desculpa esfarrapada como justificativa; 3. ela deseja conhecer os colegas de apartamento do cara, mas ele diz não querer dar detalhes sobre sua vida amorosa para eles, solicitando, então, que ela vá embora pela porta dos fundos novamente; e 4. ele não utiliza camisinha durante o ato e ela aceita isso, mesmo sem achar que seja uma boa ideia, apenas para agradá-lo.

Toda essa situação remete à vergonha que ele parece sentir ao ser visto com ela fora das paredes do seu quarto, colocando-a sob um viés puramente sexual. Embora não fique explícito que essa condição se dê pelo corpo dela, é possível fazer a suposição. E, quanto a isso, é colocada uma outra questão: o cara também não possui um corpo magro, atlético e padrão, contudo, isso não parece ser levado em consideração, apontando para o caráter sexista da vigilância sobre os corpos. Wolf (1992) indica a

existência oficial de dois pesos e duas medidas no que tange à nudez masculina e feminina na cultura dominante e que dá sustentação a desigualdades no poder.

Nessas tentativas de agradar o parceiro, Annie aceita manter relações sexuais sem proteção e, por isso, acaba tomando algumas pílulas do dia seguinte como método paliativo. Ocorre, contudo, que o farmacêutico não informou a ela que uma dose deve ser tomada a cada 80kg, assim, por seu peso corporal exceder esse índice, a pílula não consegue a mesma eficiência, acarretando na gravidez da protagonista. Annie, então, passa a considerar os prós e os contras de seguir com a gestação. Em uma conversa com sua amiga, ela tem uma fala bastante importante e que corrobora com o sentimento de insuficiência, comum a pessoas gordas:

Houve momentos na minha vida que eu, tipo, jamais pensei em conseguir algo assim. Sabe? Por conta da aparência, porque existe um caminho em que o corpo será aceito, e eu não sou assim. E talvez se eu fosse doce e boa o bastante, e suficiente fácil com qualquer cara, isso seria suficiente para alguém. (SHRILL, 2019)

A relação que Annie tem com seu chefe também é um tanto conflituosa. Ela deseja ter mais espaço dentro da redação em que trabalha, mas ele não parece levá-la a sério, não confiando em seu potencial para escrever sobre grandes assuntos. Em outras palavras, ele subestima a sua capacidade intelectual. Não há nenhuma fala que deixe transparente se isso se deve a aparência física de Annie, mas as ações abrem brecha para que haja tal questionamento.

Esse tipo de situação pode ser compreendida dentro do que Viana et. al. (2021) vai chamar de gordofobia velada, isto é, a exclusão e ostracismo de pessoas gordas de grupos de convivência e amigos, a vergonha em relação à companhia de pessoas gordas, os comentários intrusivos e não solicitados sobre peso, dieta, saúde e o tamanho dos corpos, além de questões relacionadas ao mercado de trabalho, vida pessoal e parentalidade como dúvidas sobre a competência da pessoa gorda, o seu caráter, disciplina, responsabilidades e capacidades.

Outro ponto que chama atenção em *Shrill* é a relação que Annie estabelece com a própria família. Em uma das cenas, é possível perceber que a mãe da protagonista incentiva-a a realizar dietas malucas para que consiga atingir o corpo idealizado. Na Psicologia, há estudos que versam sobre a parentalidade de filhos gordos e a construção

da autoestima⁵. A ideia central é a de que a dinâmica familiar pode influenciar bastante na forma como o indivíduo se enxerga e, em casos como o da personagem, há impactos negativos durante toda a vida.

Apesar de todos os reforços e estigmas associados ao corpo gordo vistos até aqui, a série consegue ressignificar essa condição logo no primeiro episódio. Annie tem uma espécie de epifania quando realiza o aborto, sendo levada a refletir sobre a maneira que ela se relaciona consigo mesma e com as pessoas ao seu redor. A personagem constata o quão pouco valorizada é pelo parceiro e que sua baixa autoestima foi a responsável por aceitar migalhas de afeto. Ao procurá-lo para romper a relação, Annie diz que deixou que o seu corpo, isto é, a sua aparência física a controlasse durante a vida toda, mas que isso não voltaria a acontecer.

A partir daí, a trama toma um outro significado. A personagem ganha mais confiança para tomar atitudes até mesmo em relação ao campo profissional, reivindicando para si um trabalho importante e bastante almejado. No âmbito da estética, Annie decide experimentar um vestido que sua amiga oferece a ela, muito mais colorido e chamativo do que suas roupas usuais. Embora pareça sem importância, essa mudança no visual reforça a aceitação da própria imagem que, agora, ganha mais destaque através das vestimentas.

De modo geral, *Shrill* utiliza uma fórmula que não é inovadora, mas que, em certa medida, se difere do que é tradicionalmente visto nas produções norte-americanas. Isso porque a personagem principal não precisa necessariamente passar por uma transformação física para que possa enxergar suas subjetividades e lidar de uma forma mais generosa consigo mesma. No lugar disso, a mudança de perspectiva se dá através de uma situação pontual e generalista — o aborto — e que poderia acontecer com qualquer mulher, independentemente da aparência física.

Um exemplo contrário está no longa metragem *Sexy por Acidente* (2018), dirigido por Marc Silverstein e Abby Kohn. Nele, a personagem Renee é uma mulher comum, mas que transpõe diversas inseguranças relacionadas ao seu corpo. Um dia, ela cai da bicicleta e bate a cabeça, então, acorda acreditando ser a mulher mais capaz e bonita do mundo, logo, passando a viver de modo mais confiante. Acontece que o filme

⁵ No artigo *Autoimagem e autoestima de uma mulher gorda em um contexto gordofóbico: análise de experiências constitutivas no seu círculo de convivência*, Viana et al. (2021) analisa essa questão através da personagem Kate da série *This is Us*.

reforça a ideia de que a autoestima só pode ser alcançada se uma pessoa acreditar que é fisicamente atraente, levando a concepção prejudicial de que a beleza é a chave para a felicidade e o sucesso. Esta seria uma releitura menos gordofóbica, mas ainda problemática, do clássico *O amor é cego* (2001), comédia romântica estadunidense dirigida pelos irmãos Peter e Bobby Farrelly.

Considerações finais

Com este trabalho, a intenção foi analisar a forma como o corpo gordo se insere e é percebido nos produtos midiáticos. Ao apresentar os conceitos de identidade, representação, corpo e imagem, buscou-se compreender o espaço que o corpo gordo tem ocupado na sociedade, com suas disputas, tensões e (r)existências. Logo, percebe-se que o corpo é um fator constitutivo e determinante da identidade do indivíduo, sendo o meio pelo qual ele se expressa e estabelece relações, daí a infinidade de narrativas e significados que são construídos nele, por ele e em torno dele.

Em situações cotidianas — muitas dessas, vivenciadas pela própria autora deste artigo — ou então por meio de exemplos que circulam pela mídia, nota-se como o preconceito e o estigma são vivências recorrentes para as pessoas que habitam esses corpos, contribuindo para a manutenção da gordofobia. Sabe-se também que a mídia se apropria de muitos discursos e acontecimentos reais para gerar conteúdo e, conseqüentemente, essa reprodução simbólica da realidade pode vir a ter diferentes interpretações e efeitos a depender do contexto sócio-econômico-histórico-cultural que se insere. Com esta pesquisa, construiu-se um breve panorama de como o corpo gordo vem sendo apresentado em obras audiovisuais de ficção ao longo dos tempos.

Analisando as séries *Shrill* e *My Mad Fat Diary*, por exemplo, percebe-se grande alteridade na forma de representação das personagens principais. A maneira como ambas as produções são desenvolvidas levam à reflexão sobre a importância de trabalhar personagens que não são planas, contando histórias para além dos estereótipos e preconceitos vivenciados por elas.

Esta análise faz parte de uma pesquisa maior cunhada pela autora em seu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia, que teve como tema: *This is Us e o corpo gordo: a construção da personagem Kate Pearson*. Uma extensão da citada monografia, o artigo interpôs

diferentes objetos, analisando a forma como o corpo gordo é representado nessas produções.

De forma geral, espera-se que este estudo possa colaborar para discussões críticas sobre a percepção social dos corpos gordos e para a promoção, não só de uma cultura audiovisual mais inclusiva, valorizando a diversidade de corpos e combatendo preconceitos, como também de um engajamento maior por parte dos pesquisadores e da Academia — enquanto um espaço de transformação — acerca deste assunto.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro. [s.l.]: 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/anuario-2021.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2023.

ARRAES, J.. Gordofobia como questão política e feminista. In: **Revista Fórum**, [s.l.], 2014. Disponível em: <http://goo.gl/phOA7I>. Acesso em: 10 jan. de 2022.

ARRUDA, A.; MIKLOS, J.. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. In: **Revista Líbero**, [s.l.], ano XXIII, n.º 46., jul./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2TcPRFI>. Acesso em: 26 mar. 2023.

BAITELLO JR., N.. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

CASTELLS, M.. **O poder da identidade**: a era da informação, v. 2. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOFFMAN, E.. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, I.; CAMINHA, I.. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 38, n. 4, p. 414-421, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2016.02.008>. Acesso em: 3 mai. 2023.

HALL, S.. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (orgs.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, p. 103-133, 1996.

MOSCOVICI, S.. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad: GUARESCHI, P. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MY MAD fat diary. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=My_Mad_Fat_Diary&oldid=63770488. Acesso em: 11 mai. 2023.

MY MAD fat diary: temporada 1. Direção: Tim Kirkby e Benjamin Caron. Estados Unidos da América: E4, 2013. 6 episódios (270 min). Streaming: Stremio.

SHRILL. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Shrill_\(TV_series\)&oldid=1138375532](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Shrill_(TV_series)&oldid=1138375532). Acesso em: 11 mai. 2023.

SHRILL: temporada 1. Direção: Josh Heald, Jon Hurwitz e Hayden Schlossberg. Estados Unidos da América: HULU, 2019. 6 episódios (150 min). Streaming: Stremio.

SILVA, M.; TEMER, A.. Circulação simbólica do corpo magro: um ensaio a partir do Espírito do Tempo de Edgar Morin. *In*: **44 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife: 2021. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt8-tc/mayara-martins-da-quinta-alves-da-silva.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2023.

SOUTO, M.. Constelações filmicas: um método comparatista no cinema. **Galáxia** (São Paulo), n. 45, p. 153–165, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/nxcZ4zNFT8KLLK65z8VmkHKq/?lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2023.

VASCONCELOS, N; SUDO, I; SUDO, N.. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Rev. Mal-Estar e Subj.**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 jun. 2023.

VIANA, E.; REITZ, J.; ASSIS, J.; CORREGGIO, L.. Autoimagem e autoestima de uma mulher gorda em um contexto gordofóbico: análise de experiências constitutivas no seu círculo de convivência. *In*: **Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia**, [s.l.], v. 1, n. 3, 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rppp/article/view/5088>. Acesso em: 21 mai. 2023.

WOLF, N.. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.